

DISCURSO PROFERIDO
POR SUA EX.^A O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
NA CERIMÓNIA DE DOUTORAMENTO
«HONORIS CAUSA»
NA UNIVERSIDADE DO PORTO

19 de Junho de 1990

Magnífico Reitor
Senhores Professores
Caros Estudantes
Excelentíssimas Autoridades
Minhas Senhoras e meus Senhores,

1 — É com um sentimento de humildade sincera, e com a consciência perfeita das minhas limitações, no plano académico, que recebo o grau de Doutor «honoris causa» da Universidade do Porto. É sabido que distinções semelhantes me têm sido conferidas por diferentes Universidades, entre as mais prestigiadas do Mundo. Em todas as ocasiões, porém, senti que, acima de tudo, se procurava homenagear Portugal, de que sou tão só o transitório representante, pela vontade livremente expressa dos meus compatriotas.

Neste caso, a situação é diferente e, por isso, para mim, bem mais embaraçosa. O simples facto de ser Chefe de Estado nunca deu direito — como se sabe — a receber um título de doutor honoris causa outorgado por uma Universidade do seu País de origem. Houve, portanto, outras

razões, que foram, aliás, referidas com palavras de uma generosidade excessiva pelo Prof. Doutor Baquero Moreno. Sensibilizaram-me imenso os motivos invocados mas, em consciência, considero não merecer tão alta distinção universitária. Digo-o, com sinceridade, sem pretender ir mais longe nesta breve anotação. Não esqueço que a modéstia se excessiva é ainda uma forma de vaidade...

Devo agradecer, isso sim — e penhoradamente — à Universidade do Porto e, em especial, à sua Faculdade de Letras, a honra imensa que acaba de me ser conferida. Honra, para mim, de grande significado, também, por se tratar de uma iniciativa que partiu da Faculdade de Letras. Não esqueço que, na sua primeira fase, a Faculdade de Letras foi criada por Leonardo Coimbra, em 1919, durante o Governo Domingos Pereira, de que meu Pai fez parte. Nela ensinaram grandes figuras da cultura portuguesa, como o próprio Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, Hernani Cidade, Newton de Macedo, Agostinho da Silva, entre outros, vindo a ser extinta pelo governo da Ditadura Militar, em 1928, sendo, depois, recriada em 1961, sem que houvesse uma referência à «notável obra docente» antes realizada, naquela Escola, como reconheceu Damião Peres — no Suplemento à História de Portugal de Barcelos, acrescentando: «o rodar do tempo, apagando como sempre as paixões injustas, permitiu que pouco a pouco lhe tenha vindo a ser feita a necessária justiça, com o merecido louvor». (Vide nota à pag. 251, *I Suplemento, Hist. de Barcelos*).

Honrosa distinção ainda por ser concedida pela Universidade do Porto, prestigiosa instituição hoje unanimemente reconhecida pelo seu espírito de vanguarda, pelo seu dinamismo, pela excelência da investigação que nela se produz, pela qualidade do ensino dos seus Professores e pela inteligente articulação que tem sabido criar com uma das regiões mais desenvolvidas do País.

2 — Tal como a Universidade em que me licenciiei, por duas Faculdades, Letras e Direito — a de Lisboa — a Universidade do Porto, é uma criação da I República. Ambas foram, com efeito, instituídas pelo Governo Provisório, sob a égide de Teófilo Braga sendo Ministro da pasta António José d'Almeida, futuro Presidente da República. No regulamento que lhes deu origem, de 19 de Abril de 1911, conforme nota Rómulo de Carvalho, na sua *História do Ensino em Portugal* (pág. 688), diz-se: «As Universidades são estabelecimentos públicos de carácter nacional» (...) cujos objectivos consistem em: fazer progredir a Ciência pelo trabalho dos seus mestres e iniciar um escol de estudantes nos métodos de descoberta e investigação científica» e, ainda, «promover o estudo metódico dos problemas nacionais e difundir a alta cultura na massa da Nação pelos métodos de extensão univeristária». Donde resulta

claro que as Universidades então criadas pela I República foram-no com indiscutível espírito democrático e com uma orientação ainda hoje actualíssima, a saber: a finalidade principal das Universidades consiste «em fazer progredir a Ciência» pela renovação, desenvolvimento e crítica do conhecimento existente.

No caso do Porto, como justamente sublinhou o Prof. Cândido dos Santos, na alocução proferida na sessão do septuagésimo quinto aniversário da Universidade, não se tratou de uma criação *ex-nihilo*. A Universidade surgiu — embora com outra alma — da transformação de Escolas Superiores que a precederam: a Academia Politécnica, a Escola Médico-Cirúrgica e a Academia Real da Marinha e do Comércio. Poderá mesmo dizer-se que as suas raízes mais longínquas se podem ir buscar à «Aula de Náutica» criada a pedido dos mercadores do Porto por D. José, em 19 de Outubro de 1761.

Durante o liberalismo foi o grande Passos Manuel que, como Ministro do Reino, maior impulso deu aos estudos superiores no Porto criando a Academia Politécnica, a qual, no dizer de um contemporâneo, se traduziu (cito) «no esforço mais inovador, mais notável e mais profundo do ensino nacional empreendido pela revolução liberal». A academia tornou-se um alfofre de competentes engenheiros, oficiais da Marinha, industriais, comerciantes, agricultores e artistas que tanto ilustrariam a cidade do Porto. Também não deve esquecer-se, nesta breve referência, a Escola Médico-Cirúrgica, de grande nível, onde leccionou o Prof. Gomes Coelho, conhecido de todos pelo pseudónimo literário de Júlio Dinis — um dos maiores escritores portugueses do seu tempo, pertencente à estirpe das destacadas figuras do chamado «Porto culto».

3 — Na primeira fase da vida da Universidade do Porto, merece uma referência especial o nome do insigne matemático Gomes Teixeira, uma das personalidades científicas mais prestigiadas do tempo e que foi o seu primeiro Reitor. Desde então, a Universidade do Porto impôs-se como uma instituição científica e cultural de alto mérito, tanto pela qualidade da comunidade científica que tem sabido criar como pelo valor dos seus professores e estudantes, que viriam a ocupar importantes posições na vida política e administrativa portuguesa. A sua ligação com os movimentos culturais ocorridos igualmente no Porto nas primeiras décadas do século — como a Revista Águia e a Renascença Portuguesa — é incontestável.

Nas últimas décadas, aliás, a dinâmica científica e pedagógica da Universidade do Porto não tem parado de crescer, ao ritmo do desenvolvimento da Região em que se insere. Aí estão, para o demonstrar, a criação da Faculdade de Economia, a restaurada Faculdade de Letras, o Instituto de Ciências Bio-Médicas — que leva o nome dessa figura

ímpar de cientista, de artista, de homem de cultura, de um admirável civismo, que foi Abel Salazar — a Faculdade de Pedagogia e de Ciências da Educação, a Faculdade de Arquitectura, de tão grande projecção além fronteiras, e ainda o Instituto Superior de Educação Física e o Curso de Nutricionismo. Pode, assim, afirmar-se que a Universidade do Porto é uma Escola aberta ao futuro, plenamente consciente das suas responsabilidades e orgulhosa, a justo título, dos seus pergaminhos liberais e republicanos.

4 — No plano das suas instalações materiais — e das necessárias infraestruturas — a Universidade do Porto está igualmente a atravessar um período de intensa renovação e progresso. No entanto, mais do que estes aspectos tão motivadores numa Universidade o que mais importa é o espírito que a enforma, a aposta prioritária que representa na inteligência, no estudo, na investigação científica, no sentido crítico, numa palavra, na criação de Ciência autêntica, em resposta às grandes interrogações e dúvidas que cada época propõe aos homens que sabem detectar as novas linhas que marcam o futuro.

Vivemos um momento nacional de grandes desafios mas também de uma grande exigência e rigor. O incontestável desenvolvimento que Portugal hoje conhece — e que tanto gostaria que se traduzisse também em mais justiça social — exige que concentremos esforços prioritários nas tarefas da educação e da formação profissional, a todos os níveis, que saibamos investir criteriosamente nas Escolas, nas Universidades e nos Centros de Investigação e que procuremos ligar umas e outros às empresas. O dinamismo empresarial a que se assiste reclama técnicos e quadros de qualidade, para fazer face à concorrência que aí vem, e estes, a nível superior, só podem ser formados pelas Universidades. Mas essa é apenas uma das funções, e porventura não das mais marcantes, das universidades. A função cimeira é produzir conhecimento novo, ciência autêntica, criando condições de completa realização aos melhores cérebros de cada geração, em total liberdade mas também mediante uma total responsabilização. É uma aposta que implica muita coragem dos dirigentes universitários e alguma atenção crítica da parte do Estado, uma vez assegurada a autonomia pedagógica e financeira das Universidades. Na verdade, com a crescente procura que têm as Universidades — e tantas carências que ainda as marcam — o mais fácil é transformá-las em verdadeiras empresas de produção de diplomados. É o mais fácil mas o menos dignificante e o pior que poderia suceder-nos como Nação, integrada na Comunidade Europeia, um dos polos hoje de maior desenvolvimento mundial por onde necessariamente passam as grandes transformações do futuro.

5 — A construção europeia exige de nós que tenhamos Universidades de grande qualidade e como tal reconhecidas internacionalmente. É por aí que também passa — e decisivamente — a concorrência pacífica entre nações, empenhadas num mesmo projecto. O que nos obriga a defender a nossa comunidade científica, a criar-lhe estímulos para que os melhores não partam para centros de investigação estrangeiros e para atrair a Portugal, oferecendo-lhes boas condições de trabalho, muitos cientistas portugueses de reconhecida competência que continuam a viver no estrangeiro.

A mobilidade de professores e de estudantes vai constituir uma regra na Comunidade Europeia — nesse aspecto o projecto Erasmus é apenas um começo — bem como a cooperação estreita e o intercâmbio entre Universidades de diferentes países. Representa isso um enriquecimento enorme mas também um tremendo desafio porque alguns dos padrões europeus com que teremos necessariamente de ombrear são de excepcional qualidade.

No fundo, as Universidades são hoje decisivos polos de desenvolvimento que só desempenharão totalmente a sua função se souberem libertar-se de antigos preconceitos, rotinas e atavismos e apostar na preparação de cidadãos livres, responsáveis, profissionalmente competentes, actualizados, conscientes da importância do método, da organização e também da imaginação, capazes de compreender a complementaridade — e também as diferenças — entre técnica e reflexão, entre razão e intuição, entre crítica e criatividade, entre sabedoria e inteligência, entre erudição e cultura. Os países que melhor souberem responder a este desafio, através das suas Universidades, serão seguramente os que melhor partido poderão tirar do impacto da plena integração europeia, uma vez assegurada a livre circulação de pessoas, mercadorias, capitais, serviços e ideias na Europa dos Doze.

6 — Como várias vezes tenho dito, entre os *grandes desígnios nacionais* que julgo devem mobilizar as nossas energias — e em torno dos quais os portugueses se devem unir — estão a educação, a cultura e a investigação científica. Ninguém ignora que são, para nós, três prioridades essenciais. Não basta, no entanto, afirmá-las e repeti-las. É preciso dar passos concretos para ultrapassar inércias, bloqueamentos e dogmatismos que todavia subsistem. A autonomia universitária representou um grande salto qualitativo mas não é em si mesmo tudo: é tão só um meio instrumental, que urge saber utilizar com espírito inovador, criatividade e sentido das responsabilidades.

A Universidade do Porto pela sua história e, sobretudo, pelo seu presente, pela sua vitalidade e espírito de abertura, é, sem favor, um bom

exemplo que muito me apraz invocar. Incito-a — se tal é permitio a um doutor honoris causa *novato* — a ir mais longe e a ousar, porque a insatisfação é o principal factor e estímulo ao progresso. Incito-a a ser inconformista e criativa.

Termino. Respeitosamente, saúdo o Magnífico Reitor que tão dignamente representa a comunidade universitária do Porto no seu todo. Desejo à Universidade que, desde hoje, passa também a ser um pouco minha, os maiores sucessos — de que não duvido um só instante — e, mais uma vez, agradeço, desvanecido, a grande honra que acaba de me ser conferida.

Leário Gary
